

Prefácio

Vida Vertiginosa. Tempos modernos. João do Rio escreve sobre a modernização caótica—automóveis, despertadores, bondes—num estilo telegráfico. Ele bajula, flerta, interroga. É ele apressado ao escrever nos parágrafos rotundos de seus antepassados? Sua prosa é enxuta e ágil como um galgo.

Ele possui dois personagens principais: ele próprio e a cidade. Ele mesmo *na* cidade. A cidade muda ao seu redor. Ela opera suas mudanças sobre ele. Esse é seu o assunto. A cidade é virada de dentro para fora e refeita, expondo um esqueleto que acaba de ser criado. Estradas para sedans lustrosos andarem à toda velocidade. Seus motoristas buzina para a mula cansada que puxa o último bonde do Rio de Janeiro. João do Rio está fascinado, exausto. Ele olha para a direita, para a esquerda. Adentro o trânsito. Toma nota de suas cores, sons e odores enquanto este acelera ao seu seu redor.

Você captou a idéia: João do Rio transmite a pressa da vida moderna tanto em seu estilo como nos tópicos de suas crônicas curtas. Ao fazê-

Foreword

Vida Vertiginosa. Vertiginous life. Modern times. João do Rio writes about pell-mell modernization—automobiles, alarm clocks, electric trams—in a telegraphic style. He cajoles, winks, interrogates. Is he too rushed to write in the rotund paragraphs of his forebears? His prose is lean and agile as a greyhound.

He has two main characters: himself and the city. Himself *in* the city. The city changes around him. It works its changes upon him. That is his subject. The city is turned inside out and made new, exposing a skeleton it has just created. Roadways for sleek sedans to speed upon. Their drivers honk at the tired mule pulling Rio de Janeiro's last mule-drawn tram. João do Rio is fascinated, frazzled. He looks right, left. Steps into traffic. Takes note of its colors, sounds and odors as it rushes around him.

You get the idea: João do Rio conveys the rush of modern life as much in his style as in the topics of his short chronicles. In doing so he becomes the ideal guide to the frenzied, delightful, neurasthenic metropolis.

Prefácio

lo, ele se torna o guia ideal para a frenética, encantadora, neurastênica metrópole.

João do Rio é um pseudônimo e um personagem inventado pelo escritor João Paulo Alberto Coelho Barreto. O pseudônimo—João do Rio—define o personagem. Ele chega para retratar a cidade para nós, seus leitores. Ele supõe corretamente que estamos apressados, que temos encontros e compromissos profissionais e sociais. Ele não vai nos segurar por muito tempo. Mas ele sabe que acharemos essa observação, essa fatia de vida, esse objeto intrigante escavado do destroço e do refugio, tão intrigante quanto ele os acha. Pare por um momento e deixe-o contar-lhe sobre essas coisas.

João do Rio é aristocrático, mas inflexível. Ele está em demanda, mas não atormentado. Ele tem um olhar penetrante mas compassivo. Ele não tem medo de provocar, mas é mais provável que o faça para divertir. Ele tem a confiança fácil de um brilhante contador de histórias que conhece todos os melhores lugares e as formas mais interessantes para chegar lá.

Quanto João do Rio e Paulo Barreto, seu criador, têm em comum? Não muito, no início. Mais e mais à medida que co-habitam o mesmo corpo. Paulo Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro, ainda dominado pelas duas instituições que definiram o Brasil durante a maior parte do século dezanove: a escravidão e a monarquia. Mas ambas as instituições estavam desmoronando durante a infância de Barreto. A escravidão foi finalmente abolida em 1888, e no ano seguinte o Império Brasileiro (1821-1889) chegou ao fim, substituído pela modernizadora República do Brasil.

O pai de João do Rio era um professor de matemática, uma profissão que o marcava como um profissional educado, bem vestido, assalariado e, portanto, mais elevado do que os trabalhadores manuais na hierarquia social e econômica cuidadosamente calibrada do Rio. Mas era, no entanto, uma profissão que exigia diligência, pontualidade

Foreword

João do Rio is both a pseudonym and a character invented by the writer João Paulo Alberto Coelho Barreto. The pseudonym—literally, John from Rio—defines the character. He arrives to represent the city to us, his readers. He assumes correctly that we are rushing off, that we have dates and appointments professional and social. He won't keep us long. But he knows we will find this observation, this slice of life, this puzzling object lifted from the flotsam and jetsam, as intriguing as he does. Stop for a moment and let him tell you about it.

João do Rio is aristocratic but not hidebound. He is in demand but not harried. He is gimlet-eyed but compassionate. He is not afraid to provoke, but more likely to amuse. He has the easy confidence of a brilliant raconteur who knows all the best places and the most interesting ways to get there.

How much did João do Rio and Paulo Barreto, his creator, have in common? Not much, at first. More and more as they co-habited the same body. Paulo Barreto was born in 1881 in a Rio de Janeiro still dominated by the two institutions that defined Brazil for most of the nineteenth century: slavery and monarchy. But both those institutions were crumbling in Barreto's boyhood. Slavery was finally abolished in 1888, and the following year the Brazilian Empire (1821-1889) came to an end, replaced by the modernizing Republic of Brazil.

João do Rio's father was a math teacher, a profession that marked him as an educated, jacket-and-tie-wearing, salaried professional, and therefore higher in Rio's carefully calibrated social and economic hierarchy than manual laborers. But it was nonetheless a profession requiring diligence, punctuality, and the submission to bureaucratic requirements that passed beneath the notice of the Brazilian aristocracy. Barreto's father was a positivist, ascribing to a combined philosophical, political and spiritual program enormously influential in Brazil's transition from monarchy to republic, and particularly attractive to aspiring

Prefácio

e submissão às exigências burocráticas favoráveis à aristocracia brasileira. O pai de Barreto era um positivista, atribuindo a transição do Brasil da monarquia para a república a um programa filosófico, político e espiritual combinado enormemente influente, e particularmente atraente para aspirantes a profissionais de origens humildes. Os positivistas acreditavam na marcha constante da civilização iluminada em direção a um futuro glorioso.

Paulo Barreto atingiu a maioria na capital modernizadora da nova república. A imprensa popular estava em plena expansão à medida que o número de assalariados alfabetizados cresciam dramaticamente e suas demandas de informações e entretenimento de todos os tipos acompanhavam o ritmo. Ele publicou em seis diferentes jornais e revistas antes de completar 23 anos. Ele começou a se tornar um homem sofisticado, um crítico de teatro, ópera e arquitetura, um aristocrata literário, não latifundiário.

João do Rio nasceu totalmente formado em 1903, quando Barreto usou esse pseudônimo pela primeira vez em uma coluna sobre preferências literárias locais. João do Rio era um dândi, vestindo ternos de lã tropical sob medida e uma gravata. A moda não se curvou ao calor carioca. As luvas de couro eram um acessório opcional. Uma bengala, que ele manjava e girava mais como um ponteiro e bastão do que como meio de apoio, era uma exigência. Com o passar dos anos, João do Rio cresceu corpulento, pilotando sua circunferência pelas ruas com a petulância de um cidadão confortável com seus apetites de prazer.

Nos primeiros meses de 1904, ele publicou uma série de crônicas sobre a mudança das práticas religiosas no Rio de Janeiro. Ele as publicou como uma coleção mais tarde naquele ano, sob o título *As Religiões no Rio*. O livro revelou uma cidade desconhecida para o típico leitor de jornais do Rio do início do século XX. Levou-os pelos becos e para os subúrbios distantes, onde os antigos escravos praticavam rituais afro-brasileiros caracterizados pela possessão espiritual. Ele os

Foreword

professionals of humble backgrounds. The positivists believed in the steady march of enlightened civilization towards a glorious future.

Paulo Barreto came of age in the modernizing capital of the new republic. The popular press was in full expansion as the ranks of literate wage-earners grew dramatically and their demands for information and entertainment of all kinds kept pace. He published in six different newspapers and magazines before he turned 23. He started to become a man about town, a critic of theater, opera and architecture, an aristocrat of letters, not of landholding.

João do Rio was born fully formed in 1903, when Barreto used that pseudonym for the first time in a column on local literary preferences. João do Rio was a dandy, gadding about Rio in well-tailored suit of tropical-blend wool and a cravat. Fashion did not bend its knee to the *carioca* heat. Leather gloves were an optional accessory. A cane that he wielded and twirled more as a pointer and baton than as means of support was a requirement. As the years passed, João do Rio grew portly, piloting his girth about the streets with the easy panache of a citizen comfortable with his appetites for pleasure.

In the first few months of 1904, he published a series of chronicles on changing religious practices in Rio de Janeiro. He published them as a collection later that year, under the title *As Religiões no Rio (Religions in Rio)*. The book revealed a city unfamiliar to the typical newspaper reader of early twentieth-century Rio. It took them down back alleys and out to distant suburbs, where former slaves practiced Afro-Brazilian rituals characterized by spirit possession. He introduced them to recent immigrants from northern Europe and their disciplined Protestant sects. He was particularly well-informed on positivism. Judaism, Islam, Maronite Christianity, etc., João do Rio reveled in a plural spiritual city. He did not bother chronicling mainstream Catholicism. What was the point? He wanted to show his readers the parts of Rio most of them had been missing.

Prefácio

apresentou a recente imigrantes do norte da Europa e suas disciplinadas seitas protestantes. Ele estava particularmente bem informado sobre o positivismo. O judaísmo, islamismo, cristianismo maronita, etc., João do Rio revelou-os numa cidade espiritualmente plural. Ele não se preocupou em relatar o catolicismo tradicional. Qual seria o interesse? Ele queria mostrar aos seus leitores as partes do Rio que a maioria deles andavam perdendo.

Isso estabeleceu o tom para a produção de João do Rio. Numa velocidade excepcionalmente prolífica, ele produziu crônicas de suas divagações urbanas. Estas eram principalmente reportagens, mas nunca fingiram de ser rigorosamente factuais. Personagens tanto verificáveis como explicitamente compostos povoavam suas colunas. Alguns eram pura invenção. João do Rio deu endereços precisos e indicações claras a seguir, em alguns casos. Em outros, ele era cuidadosamente vago.

Quando publicava uma quantidade adequada de crônicas que se conformavam vagamente a um determinado tema, ele compilava-os em uma coleção e publicava-a como livro. Desta forma, publicou cerca de vinte e cinco livros entre 1904 e 1921, mais de um por ano. Estes incluíram diários de excursões à Europa, duas traduções de Oscar Wilde e um romance epistolar na cidade termal brasileira de Poços de Caldas.

Três desses livros são mais conhecidos. *As Religiões no Rio* foi o primeiro. O segundo foi *A Alma Encantadora das Ruas* de 1908. Era desnecessário afirmar que as ruas encantadoras eram as do Rio de Janeiro. O terceiro é o livro que você tem diante de si, *Vida Vertiginosa*, de 1911, coletando crônicas da transformação urbana publicadas entre 1905 e 1911. Esses três livros estabeleceram os parâmetros para a influência duradoura de João do Rio. O primeiro revelou a espiritualidade profunda e multívoca da cidade moderna. O segundo foi mais romântico, um pouco nostálgico em relação aos encantos da cidade do século XIX que se desvaneciam, mas sem o saudosismo, ou

Foreword

This set the tone for João do Rio's further production. At an exceptionally prolific rate, he cranked out chronicles of his urban divagations. These were mostly reportage but never pretended to be rigorously factual. Characters both verifiable and explicitly composite peopled his columns. Some were pure invention. João do Rio gave precise addresses and clear directions to follow, in some cases. In others, he was studiously vague.

When he had published an adequate quantity of chronicles conforming loosely to a given theme, he compiled them into a collection and published it as a book. In this way, he published some twenty-five books between 1904 and 1921, more than one every year. These included travelogues of excursions to Europe, two translations of Oscar Wilde, and an epistolary novel set in the Brazilian spa town of Poços de Caldas.

Three of these books are best known. *Religions in Rio* was the first. The second was *A Alma Encantadora das Ruas* (*The Enchanting Soul of the Streets*) of 1908. It was unnecessary to state that the enchanting streets were those of Rio de Janeiro. The third is the book you have before you, *Vida Vertiginosa*, of 1911, collecting chronicles of urban transformation published between 1905 and 1911. These three books set the parameters for João do Rio's enduring influence. The first revealed the deep, multivocal spirituality of the modern city. The second was more romantic, a touch nostalgic about the fading charms of the nineteenth-century city, but without the *saudosismo*, or lachrymose traditionalism, that marks much of the popular literature of early twentieth-century Brazil. The third is forward-looking, insouciant.

Taken together, these three works continue to provide not only a matchless portrait of Rio de Janeiro between 1900-1920, but much more than that. Like all the great essayists since Michel de Montaigne (1533-1592), João do Rio tells us how to live. In this case, he tells us how to live in Rio de Janeiro, then and now—how to experience the city

Prefácio

tradicionalismo lacrimoso, que marca grande parte da literatura popular do Brasil do início do século XX. O terceiro é prospectivo, descontraído.

Em conjunto, essas três obras continuam a fornecer não só um retrato inigualável do Rio de Janeiro entre 1900-1920, mas muito mais do que isso. Como todos os grandes ensaístas desde Michel de Montaigne (1533-1592), João do Rio nos diz como viver. Nesse caso, ele nos diz como viver no Rio de Janeiro, então e agora—como experimentar a cidade inteiramente, como se envolver com a cidade, como se deleitar em seus encantos e sentir empatia com seus oprimidos ao mesmo tempo.

Como é que *Vida Vertiginosa* nos ensina? A vida urbana é fragmentária. Sua coerência emerge de um caleidoscópio de impressões, ao invés de uma narrativa lógica. O amor moderno é casualmente paquerador, não eternamente romântico. As *modern girls* (e aqui João do Rio usa a frase inglesa, enfatizando sua perspectiva cosmopolita) são heróicas e vulneráveis em seu abraço às mudanças e suas oportunidades. O automóvel impulsiona a pressa e destrói a serenidade. A publicidade nos pega olhando para nós mesmos em um salão distorcido de espelhos. O cinema mata o espetáculo de marionetes (mas o caráter astuto no coração daquele espetáculo de fantoches tem uma vida mais profunda na imaginação da cidade). O telefone e o vapor transatlântico derrubam distâncias. “A vida nervosa e febril traz a transformação súbita dos hábitos urbanos,” como afirma João do Rio no início de uma crônica sobre a moda do chá das cinco. Os cariocas começam a agir como ingleses, ou como eles acham que os ingleses agem, e ao fazê-lo revelam suas próprias preocupações e inseguranças. Os falsos patriotas revelam a ausência de seus companheiros de sentimento em sua fúria e antipatia. O Rio, em seu código de informalidade, é “a cidade da intimidade generalizada, dos íntimos desconhecidos.”

Precisamos dizer mais?

Quando morreram em 1921, Paulo Barreto e João do Rio tornaram-se um, indivisíveis. João do Rio subsumiu Paulo Barreto. O primeiro é

Foreword

fully, how to engage the city, how to take delight in its charms and feel empathy with its downtrodden at the same time.

How does *Vida Vertiginosa* instruct us? Urban life is fragmentary. Its coherence emerges from a kaleidoscope of impressions rather than a logical narrative. Modern love is casually flirtatious, not undyingly romantic. *Modern girls* (and here João do Rio uses the English phrase, emphasizing their cosmopolitan outlook) are heroic and vulnerable in their embrace of change and its opportunities. The automobile impels haste and destroys serenity. Advertising catches us looking at ourselves in a distorting hall of mirrors. Cinema kills the puppet show (but the wily character at the heart of that puppet show has a deeper life in the imagination of the city). The telephone and the transatlantic steamer collapse distances. “Nervous and feverish life prompts the sudden transformation of urban habits,” as João do Rio asserts at the start of a chronicle on the fashion of five o’clock tea. *Cariocas* start acting like Englishmen, or as they think Englishmen act, and in so doing reveal their own preoccupations and insecurities. False patriots reveal the absence of their fellow-feeling in their bluster and antipathy. Rio, in its code of informality, is “the city of generalized intimacy, of intimate strangers.”

Need we say more?

By the time of their death in 1921, Paulo Barreto and João do Rio had become one, indivisible. João do Rio subsumed Paulo Barreto. The former is widely known, celebrated as an icon of the city. The latter is remembered mostly by literary scholars. It is João do Rio who endures as the best companion through the streets of Rio.

The bilingual book before you enables you to read João do Rio’s Portuguese and Ana Lessa-Schmidt’s English translation side by side. João do Rio’s prose is incisive, rhythmic, aphoristic. It poses challenges for the translator: how to capture the staccato interjections, the congenial asides, the pause for a well-turned aphorism, while still making sense of the prose? Lessa-Schmidt is loyal to João do Rio’s voice. The

Prefácio

amplamente conhecido, celebrado como um ícone da cidade. O último é lembrado principalmente por estudiosos da literatura. É João do Rio que perdura como o melhor companheiro pelas ruas do Rio.

O livro bilíngue à sua frente permite-lhe ler lado a lado a tradução do Português de João do Rio para o Inglês, feita por Ana Lessa-Schmidt. A prosa de João do Rio é incisiva, rítmica, aforística. Ela coloca desafios para o tradutor: como capturar as interjeições desarticuladas, os apartes apropriados, a pausa para um aforismo bem-feito, e ainda fazer sentido da prosa? Lessa-Schmidt é leal à voz de João do Rio. A tradução é graciosa e direta, mantendo o tom do português carioca original. Notas explicativas judiciosas fornecem o pano de fundo em muitas das referências que João do Rio faz de passagem, assumindo que seus leitores estariam familiarizados com a maioria delas. A publicação do português e do inglês em páginas opostas permite ao leitor ver o trabalho do tradutor—mesmo aqueles com uma familiaridade passageira com o português podem se envolver com o processo. É um livro que, como as próprias crônicas de João do Rio, convida o leitor a participar, a acompanhar, unir forças.

Um lembrete: João do Rio, o escritor, encontrou diversão nas pretensões dos abastados. Mas João do Rio, o personagem, era ele mesmo um presunçoso. Ele se apresenta com ares de quem pode parecer esnobe e desdenhoso para o leitor do século XXI. Permaneçam com ele: geralmente está a caminho de uma investigação mais profunda da hipocrisia da vida moderna, como em *Impressões do Bororó*, onde a descrição inicialmente desprezível da vida indígena brasileira leva à percepção mórbida do Bororó sobre a banalidade da escalada social do carioca.

Nem sempre, é claro. A sensibilidade de João do Rio, por mais moderna que seja, difere da nossa. De uma forma surpreendente, a cidade que ele viu tomando forma em torno de si é o Rio de Janeiro de hoje. Embora a população tenha crescido mais de dez vezes e a rede

Foreword

translation is graceful and direct, maintaining the tone of the original *carioca* Portuguese. Judicious explanatory footnotes provide the background on many of the references João do Rio makes in passing, assuming his readers would be familiar with most of them. Publication of the Portuguese and the English on facing pages allows readers to see the work of the translator—even those with a passing familiarity with Portuguese can engage with the process. It is a book that, like João do Rio's chronicles themselves, invites the reader to take part, to accompany, to join forces.

A reminder: João do Rio, the writer, found amusement in the pretensions of the well-to-do. But João do Rio, the character, was himself a fop. He puts on airs that may come across to the twenty-first century reader as snobbish and disdainful. Stay with him: he is usually on his way to a deeper inquiry into the hypocrisy of modern life, as in *The Bororó's Impressions*, where the initially dismissive depiction of Brazilian indigenous life leads to the Bororó's withering perceptions of the banality of *carioca* social-climbing.

Not always, of course. João do Rio's sensibility, modern as it is, differs from our own. To a surprising degree, the city he saw taking shape around him is the Rio de Janeiro of today. Although the population has grown more than tenfold and the urban network has grown exponentially, João do Rio would find most of twenty-first century life familiar. Catching the BRT from Penha to Bonsucesso would come naturally to him, and he would likely meet several inimitable *cariocas* along the way. At the same time, João do Rio's own sensibilities were shaped by the Rio de Janeiro he grew up in—one where the abolition of slavery was so recent that one could expect to encounter both former slaves and former slave-owners on every corner. Rio remains a city of social hierarchy and racial inequality, but not to anything like the degree that João do Rio accepted as a condition of everyday life.

Prefácio

urbana tenha crescido exponencialmente, João do Rio acharia familiar a maior parte da vida do século XXI. Apanhar um ônibus da Penha a Bonsucesso seria natural para ele, que provavelmente encontraria vários cariocas inimitáveis ao longo do caminho. Ao mesmo tempo, as próprias sensibilidades de João do Rio foram moldadas pelo Rio de Janeiro onde ele cresceu—um lugar onde a abolição da escravidão era tão recente que se poderia esperar encontrar tanto escravos como ex-donos de escravos em cada esquina. O Rio continua a ser uma cidade de hierarquia social e de desigualdade racial, mas nada com o grau que João do Rio aceitou como condição da vida cotidiana.

Sobre esse tema, vale ressaltar que Paulo Barreto foi ele mesmo de ascendência racial mista. Ele era também provavelmente homossexual, e se ele não proclamou publicamente essa identidade, a criação do dândi João do Rio como seu alter ego redundou na mesma coisa. Nos círculos literários do Rio do início do século XX, onde “entendido” era o código para o segredo público da masculinidade gay, João do Rio era um “entendido”. Ele tinha a arrogância de um verdadeiro original. Mestiço, homossexual, de origem humilde, ensinou aos cidadãos do Rio o que significava ser moderno, urbano, carioca.

BRYAN McCANN
GEORGETOWN UNIVERSITY

Foreword

On that topic, it bears noting that Paulo Barreto was himself of mixed racial ancestry. He was also likely homosexual, and if he did not publicly proclaim that identity, the creation of the dandy João do Rio as his alter ego amounted to much the same thing. In the literary circles of early twentieth-century Rio, where “entendido,” or “understood,” was code for the open secret of gay masculinity, João do Rio was an “entendido.” He had the brash assuredness of a true original. A mixed-race, gay man of humble origins, he taught the citizens of Rio what it meant to be modern, urban, *carioca*.

BRYAN McCANN
GEORGETOWN UNIVERSITY